

## **Pauta Temacast #72 – As Revoluções Russas**

### **PARTE 1: Origem dos socialistas russos**

#### **[ABERTURA]**

#### **Francisco Seixas:**

Muito bem, meus amigos, está começando mais um Temacast. Aqui é Francisco Seixas e este é um Temacast em duas partes sobre o aniversário de 100 anos “dos dias que abalaram o mundo” e alçaram os socialistas para o poder na Rússia, em 1917. Nessa primeira parte, nós falaremos da origem dos socialistas russos, enquanto que na segunda parte trataremos das Revoluções Russas de 1905 e de 1917, que levaria os bolcheviques de Vladimir Lênin ao poder. E me acompanha neste episódio o meu amigo Jorge Virgílio .

#### **00:01:06 - Jorge Virgílio:**

Olá, Francisco. Olá, ouvintes. E vamos lá conhecer como começou essa invasão vermelha na Rússia.

#### **00:01:11 - Francisco Seixas.**

Olha só, pessoal, não se esqueça que o Temacast **não** chega até você com o apoio dos czares ou dos círculos socialistas. Se você quer fazer parte do nosso time de mecenas e ajudar o Temacast a crescer, entre em nosso site [temacast.com.br](http://temacast.com.br) e descubra mais. Você também pode entrar diretamente em um desses links: [patreon.com/temacast](https://patreon.com/temacast) ou em [apoia.se/temacast](https://apoia.se/temacast).

O episódio vai começar agora, então boralá!

#### **Introdução: o sistema de servidão russo**

Antes de adentrarmos no tema deste episódio propriamente dito, que é a ascensão do socialismo, vamos fazer como sempre fazemos e dar uma pincelada na história pregressa da Rússia, apenas para dar aos ouvintes um pano de fundo histórico acerca da terra da vodka.

E para entendermos como a Rússia estava quando os líderes socialistas russos emergiram e as revoluções pipocaram, precisamos voltar muitos anos no tempo e ir até o século XVII, em 1649, quando a Rússia instituiu no seu código de leis um sistema chamado de **Krepostnoie Pravo**, que em tradução livre significa “sujeição ao solo”. Essa sujeição ao solo era um regime de servidão que obrigava os camponeses ou servos a permanecerem nas terras de seus senhores por toda a vida. Um sistema que diferia bem pouco de um outro sistema que a gente, aqui no Brasil, conhece bem que é a escravidão propriamente dita, e que também existia lá na Rússia. Na Rússia, os escravos

eram conhecidos como **Kholops** e eram inferiores aos servos por serem em geral estrangeiros capturados em guerra ou camponeses russos reduzidos à escravidão por dívidas, por se casarem com pessoas de outra etnia ou por terem cometido crimes graves.

Essa tal sujeição ao solo foi instituída em todo o czarado russo pelo czar Aleixo I. E ele fez isso devido a crescente fuga de camponeses, motivada principalmente pela fome e pelas péssimas condições de trabalho no interior da Rússia. Além disso, nesse ano de 1649, a **Guerra Civil Inglesa** ou **Revolução Puritana**, que vinha assombrando os reis da Europa e igualmente o czar russo desde 1642, havia chegado a um clímax sombrio: o exército liderado pelo líder do Parlamento Britânico, um tal de Lord Oliver Cromwell, havia destronado o rei da Inglaterra, o Carlos I, e feito o que com ele? Decapitado o cara! Atemorizado de que essa moda pudesse pegar lá na Rússia também, o czar Aleixo I determinou, por decreto, que os camponeses russos passariam a ser **obrigados** a manter-se na terra onde nasceram, sem, no entanto, possuir essas terras.

A terra pertencia aos nobres (e aí só lembrando aos ouvintes mais uma vez que o que caracteriza a nobreza é a posse da terra). Então, a terra pertencia aos nobres e junto com esse território, cada nobre possuía igualmente a população desta terra. Quando um nobre vendia uma determinada aldeia para outro nobre, as pessoas que viviam nessa aldeia eram vendidas junto. Diferentemente dos Kholops, ou seja os escravos, que eram mercadorias por si mesmos e que podiam ser trocados, comercializados e até assassinados pelos seus proprietários, os servos não podiam ser negociados diretamente, apenas junto com as terras em que viviam. Pelo regime de servidão, os nobres russos podiam usufruir de seus servos da forma que quisessem, mas diferentemente do que ocorria com os Kholops, os nobres não podiam, por exemplo, matá-los (os servos só podiam ser condenados à morte pela justiça russa). Em contrapartida, os servos pagavam impostos, enquanto que os Kholops (os escravos) como se tratavam apenas de uma propriedade e não de cidadãos, eram isentos desse tributo.

A **Krepostnoie Pravo**, além de assegurar um certo controle populacional, visava também evitar o esvaziamento populacional da etnia russa de partes longínquas do czarado, que nessa época estava em plena expansão por um território ocupado por mais de 100 grupos étnicos diferentes e que se estendia desde a Europa, por todo o norte da Ásia, até o Alaska, na América do Norte (portanto, o terceiro maior Império da história da humanidade, atrás somente dos Impérios Mongol e Britânico). Lembrando aqui, gente, que o Alaska foi comprado pelos EUA dos russos em 1867, portanto, nessa época ainda era território russo.

#### **00:05:45 - Jorge Virgílio:**

No início do século XVIII, o czar Pedro I (que viria a ser conhecido mais tarde como Pedro, o Grande) decidiu iniciar uma revolução cultural na Rússia, dando início a um processo de modernização do Estado russo, que foi sintetizado pela transferência da capital do interior do país, que estava ali em Moscou, para o

litoral, na recém-fundada cidade de São Petersburgo, visando, assim, tirar a Rússia do seu isolamento secular e aproximá-la do chamado “mundo civilizado”.

Esse processo de modernização também incluía concentrar mais poder nas mãos do czar e reduzir a influência da igreja ortodoxa russa no Estado. Para isso, Pedro I mudou o status da Rússia de czarado para Império russo, assumindo ele próprio o título de 1º imperador da Rússia em 1721. Pouco tempo depois, em 1723, o imperador Pedro I (que apesar dessa mudança de status continuou a ser mais conhecido como czar mesmo dentro e fora da Rússia) ele decretou ainda o “fim da escravidão” na Rússia. Então, os Kholops, que o Francisco citou, que eram os escravos, passaram agora a ser servos, e passaram a ser submetidos à mesma lei de sujeição ao solo.

Em 1773, já durante o reinado da imperatriz Catarina II, quando o sistema dava sinais de esgotamento (esse sistema de sujeição ao solo estava dando muito conflito, com diversas revoltas irrompendo na região dos Urais e do rio Volga, lá no norte da Rússia) foi concedido aos nobres russos o direito de castigar fisicamente e deportar para regiões desabitadas do país os camponeses revoltosos ou que causavam problemas a seus senhores, além do direito de desfazer famílias, que era um direito que eles não tinham antigamente.

Para apaziguar, então, os camponeses, e dar a eles ao menos a esperança de libertação, passou a ser possível comprar de seu senhor o direito de ser um cidadão livre. Isso ajudava a tornar os trabalhadores mais produtivos e minimizava as rebeliões, muito embora pouquíssimos camponeses conseguiram, de fato, juntar dinheiro suficiente para se libertar. Esses camponeses libertos, no entanto, eles eram muito mal vistos e considerados cidadãos de segunda classe.

Por exemplo, o médico Anton Tchekhov, que é um dos maiores romancistas e dramaturgos russos de todos os tempos, considerado um dos mestres do conto moderno e também um dos maiores expoentes do realismo na Rússia, esse escritor e médico ele era neto de um servo, que se chamava Egor Michilovitch. Egor teve que pagar 300 rublos para libertar cada membro da sua família, e para tentar fugir do estigma que havia contra os ex-servos, ele mudou o nome da família para Tchekhov.

Após a Revolução Francesa, que ocorreu em 1789, tornaram-se comuns as opiniões a favor do desmantelamento do sistema de servidão na Rússia, temendo que houvesse uma sublevação dos servos, já que a pobreza atingia níveis extremos, especialmente no interior.

Em 1796, após o falecimento de Catarina II, subiu ao trono o seu único filho, que era o Paulo I. Apesar de detestar os franceses e os ideais iluministas, uma das primeiras medidas de Paulo I foi abolir os castigos corporais que sua mãe, a Catarina II, havia instituído aos camponeses, porque ele considerava que esses castigos não eram “cristãos”. Ele não fez isso por causa da declaração dos direitos humanos, mas simplesmente porque ele achava que isso era contrário aos valores da igreja.

Ele também combateu duramente a corrupção no tesouro em São Petersburgo. E o Paulo considerava que a nobreza russa estava decadente e era preciso discipliná-la e reaproximá-la dos valores da igreja ortodoxa, submetendo os nobres a uma disciplina inspirada nas antigas ordens de cavalaria medievais. O cara era quase um Don Quixote. Assim, aqueles que não aceitaram essa disciplina de servidão e retidão que ele pregava, essas pessoas elas foram simplesmente demitidas da Corte, sendo substituídas por nobres que se sujeitavam a ser “cavaleiros dos tempos modernos.”

Essa tentativa de obrigar os nobres a obedecer um “código de honra” mais duro, quase religioso, e também a assumirem um comportamento mais austero, além de, claro, alguns flertes com ideias que visavam melhorar as condições de vida no campo, levaram a um complô contra Paulo I, evidentemente, e que culminou no seu assassinato no então recém-inaugurado Castelo Mikhailovsky, na noite de 23 de março de 1801.

Um grupo de ex-oficiais demitidos por Paulo I, liderados pelo general alemão Levi von Bennigsen e pelo general georgiano Vladimir Mikhailovich Yashvil, que serviam ao Império russo, apesar de serem estrangeiros, eles forçaram a entrada nos aposentos do czar e o encontraram ali num canto, escondido atrás de algumas cortinas. O cara percebeu que estavam tentando entrar no quarto dele e se escondeu. Os conspiradores o arrancaram ali do canto, forçaram-no a se sentar numa mesa e tentaram obrigá-lo a assinar a própria abdicação. Como Paulo I ofereceu resistência, disse que não ia assinar nada, um dos oficiais simplesmente puxou a espada, desembanhou a espada e o golpeou. Em seguida, ele foi estrangulado por outro e depois ele foi pisoteado até a morte por todo o grupo de conspiradores. Esse era ruim de morrer mesmo!

#### **00:11:13 - Francisco Seixas:**

Exatamente.

Mas olha só: seu filho Alexandre, então com 23 anos de idade, estava no palácio no momento do assassinato, mas foi poupado pelos conspiradores, tendo recebido do general Nikolay Zubov o anúncio de sua ascensão ao trono com as seguintes palavras: "É hora de crescer! Vá e governe!" Logo no início de seu reinado, Alexandre I realizou pequenas reformas sociais e depois grandes reformas educacionais no país, tendo prometido também reformas constitucionais relacionadas a servidão, o que, na verdade, nunca chegou a cumprir, ficou só na retórica mesmo.

Em 1809, durante a guerra finlandesa, os nacionalistas dos quatro Estados suecos de maioria finlandesa que buscavam formar o seu próprio país, convidaram Alexandre I para auxiliá-los e deram a ele o título de Grão-Duque da Finlândia, até então reservado aos reis da Suécia.

Com a vitória da Rússia sobre a Suécia nessa guerra, a Finlândia foi anexada como parte do Império russo, mais tarde se tornando um principado. Durante o

reinado de Alexandre I, ocorreu também a famosa invasão francesa à Rússia, que terminou de forma vergonhosa para a França.

Em 31 de Março de 1814, após a derrota de Napoleão na Rússia, as tropas russas, prussianas e austríacas entraram em Paris pelo lado leste. Sem sofrer qualquer resistência, cruzaram toda a cidade, adentraram a boulevard Champs-Élysées e cruzaram o Arco de Triunfo, inaugurando a obra construída por Napoleão para representar a conquista da Europa pelos franceses. Quer dizer, deu errado para os franceses.

**00:12:48 - Jorge Virgílio:**

Imagina só isso, hein, Francisco: você fazer um arco de triunfo dez vezes maior do que os originais e um exército estrangeiro inaugurar pra você.

**00:12:59 - Francisco Seixas:**

Pois é, né?

Mas olha só: após derrotar Napoleão, Alexandre I se tornou também Rei da Polônia, como espólio de guerra. Por iniciativa sua, o regime de servidão não foi introduzido nessas províncias recém-anexadas ao império, ou seja, a Polônia e a Finlândia. E também, através de dois decretos, um em 1816 e outro em 1819, ele aboliu o regime de servidão nas províncias do mar báltico.

Entretanto, apesar de ter sido um imperador bastante popular, um legítimo cidadão do mundo, tendo sido educado no exterior e nos valores ocidentais, e de ter adotado essa postura liberal, na segunda metade de seu reinado Alexandre I ficou cada vez mais arbitrário, reacionário e assombrado por conspirações. Isso aconteceu após uma revolta do regimento Semenovski, que fazia parte da Guarda Imperial, no início da década de 1820. Temendo um destino similar ao de seu pai, Alexandre I expulsou os professores estrangeiros das escolas russas e a educação passou a ser mais religiosa e politicamente conservadora, desfazendo muitas das reformas que ele mesmo havia promovido.

Ele passou a temer, sobretudo a ira de Deus, dizendo que todas as rebeliões e reformas eram contrárias ao Criador. Sua radicalidade nesse ponto chocou o próprio povo da Rússia, quando o czar recusou ajudar aos gregos, povo que possui a mesma religião católica ortodoxa que os russos, durante um levante contra o Império Otomano, que controlava a Grécia por essa época. Segundo Alexandre I, ele não se intrometeria nessa questão com os otomanos, pois os nacionalistas gregos eram rebeldes e, portanto, contrários a Deus. Mais tarde, com a morte de sua filha favorita e com uma grande inundação que atingiu São Petersburgo, devastando a cidade, Alexandre I enlouqueceu de vez, e praticamente abandonou suas funções como imperador até a sua morte no ano seguinte, em 1º de dezembro de 1825.

Só um parênteses: como Alexandre I morreu numa cidade afastada e o seu caixão foi enterrado lacrado em São Petersburgo, existe na Rússia o mito de

que Alexandre I não morreu realmente nessa data, mas que falsificou a própria morte para se tornar monge na Sibéria e que morreu muitos anos depois. Será que é isso mesmo?

**00:15:18 - Jorge Virgílio:**

Olha aí.

Deve estar junto com o Elvis, né, Francisco? [ironia]

**00:15:21 - Francisco Seixas:**

Pois é. Deve ser mais ou menos desse naipe a coisa.

**00:15:23 - Jorge Virgílio:**

Com a morte repentina de Alexandre I, que não teve herdeiros masculinos, chegou ao trono o seu irmão mais novo, o príncipe Nicolau. Nicolau era um candidato improvável ao trono, pois tinha dois irmãos mais velhos. Como o seu segundo irmão mais velho, Constantino, abdicou do trono após a morte de Alexandre, o azarão do Nicolau acabou assumindo, apesar de nunca ter se preparado para exercer a função. Esse fato motivou a Revolta Dezembrista em 14 de dezembro de 1825.

Nesta revolta, os oficiais do Exército Russo, comandando cerca de 3000 soldados, organizaram um protesto contra a coroação do Nicolau I. Após alguns confrontos violentos, Nicolau saiu vitorioso e, é claro, saindo vitorioso ele mandou executar ou prender a maioria dos conspiradores dezembristas.

Devido ao trauma da Insurreição Dezembrista, Nicolau I passou a tratar a sociedade russa com mão de ferro, controlando tudo e todos milimetricamente, através de um vasto serviço de espionagem. O governo exercia censura e outros tipos de controle sobre a educação, a imprensa e demais manifestações da vida pública. As pessoas deveriam mostrar lealdade à autoridade ilimitada do imperador e às tradições da Igreja Ortodoxa. Esses princípios levaram à repressão geral e à supressão das nacionalidades não russas. Por exemplo, em 1839, o governo russo suprimiu as igrejas católicas gregas na Ucrânia e na Bielorrússia e intensificou a perseguição a minorias, como os judeus, por exemplo.

Como os seus antecessores, Nicolau I não simpatizava com o regime de servidão e considerou abolir o regime na Rússia, mas ele acabou não avançando com o projeto temendo que pudesse ser derrubado pelos outros nobres. Apesar disso, Nicolau I buscou consolidar o poder do Estado russo sobre os proprietários de terra e também sobre outros grupos influentes no Império.

Foi também no seu reinado que ocorreu um grande florescimento das artes na Rússia, tanto com o reconhecimento internacional da literatura russa através do trabalho de Aleksandr Pushkin, Nikolai Gogol, Ivan Turgenev, entre outros, como com o reconhecimento também internacional da música clássica russa,

através do trabalho de Mikhail Glinka e do Tchaikovsky. Foi nesse período também que o balé se consolidou como uma arte verdadeiramente russa, através da criação do Teatro Bolshoi (e Bolshoi, para quem não conhece a origem da palavra, significa apenas “grande”, então Teatro Bolshoi é o Grande Teatro, em russo). O Bolshoi abandonou os temas da mitologia greco-romana, comuns no balé francês, e passou a valorizar o folclore nacional russo em suas coreografias, inspirando-se ali na mitologia eslava.

Uma curiosidade: a companhia de balé do Bolshoi é hoje a mais importante companhia de balé do mundo, e essa companhia, Francisco, ela possui uma única filial fora da Rússia, que fica aqui no Brasil, na cidade de Joinville, no Estado de Santa Catarina. Aí do teu lado, Francisco.

Em 1853, o czar Nicolau I invocou o direito de proteger os lugares santos dos cristãos em Jerusalém, que era então parte do Império Otomano, dando início no ano seguinte, em 1854, a Guerra da Crimeia. A outra guerra da Crimeia. A razão alegada de defender lugares santos era evidentemente uma desculpa esfarrapada que ele tinha encontrado para aumentar o controle russo sobre os estreitos de Bósforo e de Dardanelos, cortando, dessa forma, a principal linha de comunicação do Reino Unido e da França com a Índia. Nicolau morreu com a guerra ainda em andamento, e após a sua morte, em 1855, chegou ao trono o seu filho mais velho, Alexandre, então com 37 anos.

#### **00:19:30 - Francisco Seixas:**

Quando Alexandre chegou ao poder, com o título de Alexandre II, ninguém esperava que ele fosse implementar as reformas institucionais mais duras da história russa desde aquelas implementadas pelo seu antepassado, Pedro I, o Grande. Principalmente porque Alexandre II era avesso a guerra devido aos efeitos amargos da Guerra da Crimeia tanto para a sua família como para todo o país. Tendo sido educado pelo poeta e tradutor, Vasily Zhukovsky, um dos pais do romantismo russo, Alexandre enquanto **czarevich** (ou seja, filho do Czar, príncipe), dedicou-se principalmente às artes e às línguas e ao estudo da história do povo russo.

Por influência de seu tutor, por exemplo, tornou-se o primeiro membro da família Romanov a visitar as províncias longínquas do Império, incluindo a Sibéria. Também por influência de Zhukovsky, Alexandre II viria a adotar uma profunda agenda de reformas liberais na Rússia ao longo de seu governo.

Durante o seu primeiro ano como imperador, o jovem czar se dedicou principalmente a pôr um fim na Guerra da Crimeia. Após um longo cerco que se estendeu por meses, a cidade russa de Sebastopol, que havia sido fundada pela avó de Alexandre, a imperatriz Catarina II, acabou caindo, marcando assim definitivamente a derrota russa para os Aliados, que era um grupo composto pelo Império francês de Napoleão III, o Império britânico da rainha Vitória e pelo Império Otomano do sultão Abdülmecid I.

As negociações de paz lideradas pelo seu conselheiro de confiança, o príncipe Gorchakov, culminaram no Tratado de Paris, assinado em 30 de março de

1856. Pelos seus termos, o novo czar, Alexandre II, devolvia o sul da Bessarábia e a embocadura do rio Danúbio para o Império Otomano e para a Moldávia, renunciava a qualquer pretensão sobre os Balcãs e ficava proibido de manter bases ou forças navais no mar Negro. A Valáquia e a Sérvia, outros territórios de influência russa, passaram a estar sob proteção internacional.

Esse tratado também representou a inclusão do Império Otomano na comunidade europeia, sob a tutela do ministro das relações exteriores Paxá Mehemed Emin Aalii, que foi o responsável pela modernização do Estado otomano e por leis que protegessem os cidadãos cristãos da Sharia (as leis islâmicas)... Bom, mas isso já é uma outra história! Vamos voltar aqui pra Rússia.

Findada a guerra, o país estava falido, não só pela guerra em si, mas também pela corrupção. A farra com a coisa pública estava institucionalizada em todos os níveis de governo. Os nobres, apesar da caótica situação financeira em que o Império se encontrava, não abriam mão de seus privilégios. Cara, isso me soa tão atual! Tão atual [ironia]

#### **00:22:15 - Jorge Virgílio:**

Pois é, Francisco. Você vê que não é só no Brasil também.

#### **00:22:18 - Francisco Seixas:**

É, pois é... Enquanto o povo morria de fome, a aristocracia seguia esbanjando.

Assim, passadas as negociações de paz e encorajado pela opinião pública que exigia reformas para tirar a Rússia do atraso que os havia levado à derrota na Crimeia, Alexandre II introduziu mudanças radicais de cunho liberal na legislação russa que regia a indústria e o comércio, visando reduzir o protecionismo e a interferência dos nobres na economia, permitindo, assim, o surgimento de várias empresas privadas no país.

O czar também fez planos para construir uma grande rede de ferrovias com o objetivo tanto de desenvolver o interior do país quanto de aumentar o seu poder bélico em guerras futuras. Mas, uma questão vital para a modernização da Rússia e a sua entrada efetiva no mundo moderno continuava a ser o fim da servidão, a Krepostnoie Pravo. Assim como acontecia do outro lado do mundo em relação ao Império brasileiro e a escravidão negra, a modernização capitalista russa era enormemente prejudicada por relações de trabalho feudais. Entretanto, diferentemente de D. Pedro II aqui no Brasil, Alexandre II lá na Rússia decidiu enfrentar a questão de frente e derrubar ele mesmo o sistema de servidão.

Em um discurso feito aos oficiais russos, em 1856, ele já havia advertido os nobres sobre suas intenções dizendo o seguinte:

*“Minha intenção é abolir a servidão... Vocês podem entender que a presente ordem de possuir almas não pode permanecer inalterada. É melhor abolir a*



*servidão de cima do que esperar pelo tempo em que ela comece a se abolir de baixo. Peço a vocês que reflitam na melhor maneira de lidar com isso.”*

**00:23:59 - Jorge Virgílio:**

Pois é, Francisco, e a deixa para derrubar o regime surgiu quando chegou até as mãos do czar uma petição de proprietários de terra poloneses, que viviam lá nas províncias lituanas, exigindo uma melhor regulação dessa relação entre senhores e servos (melhor, claro, a gente sabe, para os senhores).

Apesar de não existir servidão na Polônia, já que ela não foi instituída lá, muitas famílias importantes da Polônia possuíam terras e servos em outras partes do Império russo como a Lituânia. Esses proprietários poloneses eram pequenos fazendeiros, uma espécie de baixa nobreza, que era mais favorável à dissolução do regime de servidão. A resposta do czar foi autorizar a criação de “comitês para melhorar as condições dos camponeses.”

A partir desses comitês seriam estabelecidas as bases para a emancipação da servidão em todo o Império. Estabelecidos esses comitês na Lituânia, o Alexandre II ordenou que o Ministro do Interior enviasse uma circular aos governadores provinciais da Rússia, na qual ele parabenizava o governador e os senhores de terra da Lituânia por suas supostas intenções patrióticas e sugeria que talvez outros proprietários de outras províncias e seus respectivos governadores devessem fazer o mesmo.

Uma das preocupações do imperador era a situação dos camponeses assim que terminasse o sistema de servidão. A experiência das províncias bálticas de liberar os camponeses, que havia acontecido alguns anos antes, sem dar a eles qualquer terra, havia sido catastrófica, criando uma massa de trabalhadores nômades, que migravam em sua maioria para as cidades (principalmente para Moscou, que acabou ficando apelidada nesse período como “a grande aldeia”, que recebia todo mundo de várias partes do império russo). E isso fez explodir os índices de criminalidade, a incidência de epidemias, etc. Problemas que a gente já conhece bem aqui no Brasil, não é não, Francisco?

**00:25:53 - Francisco Seixas:**

Com certeza

**00:25:53 - Jorge Virgílio:**

Dessa forma, Alexandre II pretendia liberar os camponeses no restante da Rússia em outras bases, dando a eles terras comunais que os fixasse no seu território de origem e os mantivessem dentro da ordem social.

Em 19 de fevereiro de 1861, Alexandre II publicou finalmente o decreto imperial que pôs fim ao sistema de servidão, que havia durado 200 anos. Chamado de “Manifesto da Emancipação”, que é uma espécie de Lei Áurea da Rússia, o documento fazia todos os sujeitos do Império cidadãos russos plenos (ao

menos no papel). Os agora ex-servos adquiriram todos os direitos das pessoas livres, como casar sem pedir autorização do seu senhor, ter propriedade e ter o seu próprio negócio. Enfim, no papel eles receberam todos os direitos que um russo não servo teria. No total cerca de 23 milhões de servos foram libertados com esse ato, com esse manifesto que o Alexandre II publicou. E só pra gente ter uma ideia do que esse número significa nessa época, 23 milhões, em 1861, a população do Brasil era de quase 9 milhões de pessoas nessa época, e a dos EUA e do Reino Unido estava ali empatada em cerca de 30 milhões cada um. Então, quer dizer, o cara liberou quase que os Estados Unidos inteiro.

**00:27:15 - Francisco Seixas:**

Foi gente pra caramba, né, cara, de uma vez só.

**00:27:17 - Jorge Virgílio:**

É, uma coisa assim pra época foi um número absurdo de pessoas sendo liberadas, né:

**00:27:22 - Francisco Seixas:**

Quase três “Brasis”.

**00:27:22 - Jorge Virgílio:**

Exatamente. Quase três Brasis. É muita coisa!

Essa abolição, entretanto, não foi assim um evento imediato, mas um processo, que se estendeu por mais de 10 anos. Só por volta de 1873 que os últimos resquícios da servidão foram formalmente abolidos. Além disso, por mais estranho que possa parecer para os ouvintes, houve muitas rebeliões de servos contra o fim do regime de servidão. Isso porque muitos servos eles ficaram em pânico devido às condições impostas pelo governo para o fim do regime.

Como forma de conciliar os interesses do governo e dos nobres (ou seja, que era fixar os camponeses no meio rural e de compensar os proprietários de terra), o governo decidiu que a transição seria feita nas seguintes bases: nos primeiros dois anos, ficava tudo igual para dar tempo dos nobres se adaptarem à nova situação. Ou seja, estava libertado, mas nada muda por dois anos.

Após esse período, o governo iria “financiar” a aquisição por parte dos camponeses da terra onde eles viviam. Em troca, os proprietários seriam imediatamente indenizados pelo Império, que pagaria cerca de 75% do valor das terras em nome dos camponeses, a título de empréstimo, a ser pago pelos camponeses ao governo nos 50 anos seguintes. Sei lá, era tipo Minha Casa Minha Vida, Minha Terra Meu Lar, sei lá. O programa da Rússia. Quanto aos 25% restantes do valor da terra, eles seriam pagos diretamente pelos camponeses a seus senhores, normalmente na forma de trabalho. Também era

uma forma de você assegurar que os caras não ficassem sem ter quem trabalhasse pra eles do dia pra noite.

As terras que antes pertenciam ao Estado russo, como florestas ou margens de rios, elas também ficariam disponíveis aos nobres, que poderiam adquiri-las por preços irrisórios, normalmente você chegava lá e pagava só uma taxa e adquiria um terreno. A produção agrícola dos ex-servos também seria comercializada pelos seus antigos senhores, e aí com isso você assegurava a dependência econômica dos ex-servos e dos nobres. Quanto aos servos domésticos - aqueles que trabalhavam na casa dos seus senhores - estes foram simplesmente liberados, sem direito a qualquer propriedade. Muita gente até chegou a morrer de fome por causa disso. Então é por isso também que teve essa rebelião, como eu falei, não foi só ignorância; é que as condições de muita gente foram difíceis.

#### **00:29:44 - Francisco Seixas:**

É, ficou complicado ali realmente.

### **Surgimento dos socialistas russos e assassinato do Czar Alexandre II**

A emancipação dos servos em 1861 não havia mudado repentinamente a autocracia liderada pelo czar, pelos nobres e pela privilegiada burocracia estatal que parasitava o governo. No campo e nas cidades, a pobreza era avassaladora. De fato, ela havia se tornado pior do que nunca e a insatisfação era geral. Por essa razão, a década de 1870 ficaria marcada por uma série de protestos e de agitações promovidas por grupos extremistas com o objetivo de derrubar a ordem política e social do antigo regime na Rússia.

Apesar dessa desigualdade gritante que caracterizava o regime czarista, uma nova "intelligentsia" havia se formado no país oriundo das famílias de ex-servos que haviam conseguido ascender socialmente em decorrência das reformas implementadas pelo czar (ainda que fossem reformas de cunho conservador). Uma pequena classe média burguesa formada por médicos, escritores, engenheiros e funcionários públicos de origem rural populava as cidades e pressionava o governo imperial por reformas que trouxessem mais liberdade e melhores condições de vida para o povo (como o próprio Anton Tchekhov, que mencionamos anteriormente). Ocorria também que as dezenas de minorias étnicas espalhadas pelo maior país em extensão territorial voltavam-se cada vez mais para suas próprias agendas nacionalistas, e grupos separatistas irrompiam por toda parte.

Toda essa raiva alimentada pela população acabou sendo canalizada por grupos de extrema esquerda, em geral composto por pessoas muito jovens (estudantes secundaristas e universitários), que acabavam se inspirando tanto em leituras socialistas vindas da Europa Ocidental, em particular da Alemanha e do Reino Unido, quanto no romantismo russo. Na visão deles, o campesinato russo, a sua estrutura histórica de governo e de divisão de trabalho, chamada de **mir** ou **obshchina** ou **Khutor**, era uma espécie de proto-sociedade socialista. Uma espécie de comunismo ancestral. Essas **mirs**, **obshchinas** ou

**Khutors**, que significam em russo “comunidade”, “sociedade” e “fazenda”, respectivamente, eram terras rurais coletivas, compartilhadas por grupos de família de camponeses no interior da Rússia.

Essa estrutura de divisão de terra já existia entre os russos muito antes do regime de servidão ou mesmo antes do surgimento do Império, e se desenvolveu principalmente em função do clima. Já que a Rússia é um lugar onde o clima é tão inóspito e imprevisível, não era raro um camponês repentinamente perder toda sua colheita ou víveres. Era como se um fazendeiro perdesse tudo e seu vizinho de cerca não perdesse nada. Por causa disso, os habitantes das aldeias russas estabeleceram um sistema político-administrativo no qual eles se comprometiam a se ajudar mutuamente em tempos de necessidade. Esperava-se que os membros que mais prosperassem abrigassem e alimentassem aqueles que estavam em dificuldade. Quando a casa de alguém era destruída por intempéries, por exemplo, todas as outras famílias se solidarizavam para reerguê-la.

A maioria dos camponeses russos viviam nessas Mirs, que atuava como governo local e uma cooperativa. As terras aráveis eram divididas em glebas (ou seja, lotes) baseado na fertilidade do solo e na distância até a cidade mais próxima. Cada família tinha o direito de reclamar uma ou mais faixas de terra dependendo do número de adultos na casa. As famílias mais numerosas recebiam mais terra. A finalidade dessa divisão, no entanto, não era social e nada tinha a ver com o comunismo tal como proposto por Marx (que dizia “a cada um segundo suas necessidades”). Essa divisão era apenas prática (para que cada um pudesse pagar seus impostos). Além disso, essa divisão da terra era controlada pelo Estado, que fazia novas divisões dessas mesmas terras de tempos em tempos baseado no censo local.

### **00:33:46 - Jorge Virgílio:**

O idealismo romântico em relação às Mirs se popularizou após a publicação em 1847 do livro do cientista agrícola e economista alemão, o barão August von Haxthausen, que realizou um estudo sobre essas comunidades no interior da Rússia. No seu livro, chamado de “Estudos sobre a situação interiorana, a vida nacional e as instituições rurais da Rússia”, o barão von Haxthausen exaltou as Mirs como exemplo de uma força de trabalho completamente livre e coletiva, que poderia servir de inspiração para uma sociedade melhor.

Nas suas próprias palavras, o que ele disse sobre as Mirs foi o seguinte [abre aspas]: “O que pareceu ser reminiscências de uma tradição antiga não germânica de organização camponesa comunal nessas regiões orientais anteriormente ocupadas por povos eslavos.” [fecha aspas]

Visto que havia muitos grupos socialistas em atividade no que hoje é a Alemanha, von Haxthausen propunha que essas comunidades russas talvez pudessem servir de exemplo de instituição que pudesse mediar as diferentes

classes e os interesses coletivos e individuais, permitindo, nas palavras do barão [abre aspas] “[a integração] pelo costume apenas e não através de maquinações legais de burocratas e revolucionários intrometidos.” [fecha aspas]

Enfim, essa última parte dos comentários do barão alemão o pessoal ignorou e a representação romântica das Mirs caiu como uma luva tanto para os conservadores nacionalistas russos, muito calcados na valorização da cultura e dos costumes eslavos, como a gente já citou aqui, o próprio tutor do czar, Vasily Zhukovsky, quanto também para os grupos radicais de esquerda, fossem eles socialistas, comunistas ou mesmo anarquistas (já que a Mir seria uma forma de organização social - na visão deles - que excluía a necessidade de um Estado, o que não é verdade, visto que como acabamos de dizer o Estado russo regulava a divisão de terra nas Mirs). Mas enfim, o pessoal leu lá o barão alemão e cada um entendeu o que achava melhor.

Para os socialistas russos, inspirados pelo pensador russo Alexander Herzen, que ganhou a alcunha de “pai do socialismo russo”, essas Mirs eram a prova histórica de que a essência do povo eslavo era o socialismo. E que uma revolução socialista na Rússia apenas libertaria os russos e outros povos eslavos de valores individualistas burgueses importados do Ocidente. Para esses “socialistas românticos”, digamos assim, expulsar a burguesia do país e instaurar um regime socialista seria um retorno aos valores originais já presentes na sociedade russa tradicional (herdados desde o surgimento das tribos eslavas originais). Por essa razão a vertente do socialismo inspiradas em Herzen ficou conhecido como “socialismo agrário” enquanto que seus partidários ficaram genericamente conhecidos como **Narodniks** ou **populistas**, que seria a tradução literal de Narodniks. Outra grande influência desse grupo dos Narodniks era o filósofo suíço, Jean-Jacques Rousseau, já que Rousseau, em seus trabalhos, considerava que os humanos eram essencialmente bons e as instituições é que faziam dos seres humanos perversos.

E nesse ponto a gente vê que eles se diferenciavam - e muito! - dos grupos comunistas de cunho marxista, pois para os marxistas a sociedade socialista que eles pregavam era uma evolução rumo a uma ordem social futura, inédita na humanidade, pós-capitalista. Como nós explicamos lá no episódio **#71 As Teorias Marxista**, para o marxismo, o socialismo é um tipo de modo de produção que se estabeleceria como uma evolução natural do capitalismo, quando este atingisse o máximo do seu desenvolvimento. Portanto, no marxismo, o socialismo não se estabeleceria por oposição, por um enfrentamento ao capitalismo, mas por superação de contradições inerentes à ordem capitalista (tal qual havia ocorrido ali na passagem do feudalismo para o capitalismo, afinal ninguém deflagrou a “grande revolução capitalista” para que o mundo do dia para a noite se livrasse do sistema feudal, que chegou lá e teve

o Lênin do Capital. O cara chegou: Viva a Revolução! Viva o Capitalismo! Senhores feudais foram decapitados! Não foi assim que a gente passou do feudalismo para o capitalismo, não era assim que o Marx entendia as coisas. *Comentário de Francisco Seixas: Não foi mesmo!*).

Nos seus primórdios, esses grupos socialistas não possuíam qualquer organização política ou estrutura interna. Eram grupos descentralizados e reunidos por mera familiaridade e afinidade entre os membros. Ou seja, eram grupos de amigos que se juntavam para formar um **kruzhki** que significa “círculo” em russo, e eles faziam esses círculos de estudos socialistas. Nesses grupos, os membros deviam normalmente jurar serem completamente honestos e leais uns com os outros, compartilhando tanto pensamentos, quanto sentimentos, como experiências privadas. Nada podia ser individual. Esses círculos socialistas se popularizaram nos grandes centros urbanos russos como a própria capital imperial, São Petersburgo, mas também Moscou, Kiev e Odessa (essas duas últimas que eu citei, hoje pertencentes a Ucrânia, mas na época eram parte do império russo). A principal atividade deles, desse pessoal aí, os **kruzhki**, era propagandear ideias revolucionárias e socialistas entre os operários nas cidades e entre os camponeses, pois estes eram os mais diretamente atingidos pela opressão do Estado. Muitos dos membros dos círculos socialistas aceitavam empregos em áreas rurais como professores, atendentes, carpinteiros, pedreiros e etc, até mesmo aceitavam empregos como operário de fábrica nas grandes cidades, com o objetivo de imergir no proletariado e difundir entre eles suas ideias. O principal opositor desses jovens era a polícia secreta czarista que se chamava Okhrana e que tinha a tarefa de identificá-los e prendê-los. A maioria dos acusados, normalmente, era preso por fomentar a “revolução agrária”.

#### **00:39:58 – Francisco Seixas:**

Vários dos narodniks começaram a se radicalizar após a ascensão do czar Alexandre II. Com Alexandre II, toda a Rússia passou por grandes reformas, como o próprio fim do regime de servidão, como citamos, e isso acabou aumentando a popularidade da monarquia junto ao povo. Dessa forma, os camponeses, que eram muito ligados a religião católica ortodoxa - tornaram-se ainda mais fiéis ao czar e não demonstravam lá grande interesse pelas ideias defendidas pelos socialistas, como revolução agrária e proclamação da República.

Essa falha dos socialistas em convencer o povo da necessidade de uma revolta contra a família imperial, a nobreza e a burguesia levou muitos deles a considerar que apenas medidas enérgicas poderiam tirar o povo da sua apatia. Paradoxalmente, as mudanças introduzidas por Alexandre II no sentido de dar mais liberdade de expressão aos estudantes (como a abolição da disciplina

militar nas universidades, por exemplo), acabou favorecendo esses grupos mais radicais, que, contando agora com seus próprios jornais, puderam se articular melhor. Diante dessa radicalização, Alexandre II passou a proibir a formação desses grupos estudantis, tornando-se a partir de então alvo de vários atentados.

As três primeiras tentativas de assassinato contra o Alexandre II foram com armas de fogo. O primeiro atentado ocorreu em 4 de abril de 1866 quando o czar fazia a sua caminhada no jardim de verão, em São Petersburgo. O atirador foi um jovem de 26 anos de idade chamado Dmitri Karakozov, que havia sido recém-expulso da Universidade de Moscou. Pelo atentado, Karakozov foi preso e enforcado. Um ano depois, quando Alexandre II estava em Paris, um outro estudante russo, Anton Berezovski, de apenas 20 anos, atirou subitamente do meio de uma multidão contra o czar e Napoleão III, no momento em que esses passavam de carruagem por um cortejo. Como punição, Berezovski recebeu a sentença de prisão perpétua e trabalhos forçados. Em 2 de abril de 1879, ou seja, 12 anos depois do segundo atentado com arma de fogo em Paris, o czar foi novamente vitimado nos jardins de seu palácio, dessa vez pelo estudante Alexander Solovyov. Solovyov fez cinco disparos contra o czar mas errou todos. E acabou sendo enforcado também. O pessoal era bem ruim de tiro naquela época hein?

**Jorge Virgílio:** Pois é, o pessoal tinha que praticar mais, ou as armas eram muito ruins, não sei.

**Francisco Seixas:** Pois é, não faz parte deste episódio, mas também tivemos um trabalhão para matar o Rasputin, pelos mesmos motivos.

**Jorge Virgílio:** A gente vai falar mais dele depois, Francisco.

**Francisco Seixas:** Exato! Bom, mas vamos adiante!

No mesmo ano de 1879, um novo grupo político surgiu nesse caldeirão em ebulição que era São Petersburgo: chamava-se **Narodnaya Volya**, ou, a Liberdade do Povo, em russo. Era um grupo narodnik ultra-radical e foi responsável por introduzir o terrorismo como forma de persuasão política. Eles eram tão radicais que vários dos muitos narodniks se levantaram contra eles. É importante frisar aqui que a maioria dos narodniks na Rússia não apoiava ações violentas, e eram jovens idealistas que passavam a maior parte do tempo escrevendo para jornais e periódicos, na tentativa de divulgar as suas ideias.

**Jorge Virgílio:** Então eles eram blogueiros, né Francisco? Seria blogueiros hoje!

**Francisco Seixas:** Era mais ou menos isso – risadas – só queriam fomentar as ideias.

**Jorge Virgílio:** Iriam xingar muito no ‘twitt’.

**Francisco Seixas:** exato.

Olha só, um dos principais intelectuais socialistas russo a combater a “Liberdade do Povo” nessa época foi Georgi Valentinovich Plekhanov, que entraria mais tarde para a história como o “pai do marxismo russo”, por ter introduzido os estudos de Marx no país.

**Jorge Virgílio:** Pois é, Francisco, a gente já vê a importância do último episódio, o episódio #71 pra gente separar esses diferentes grupos aí, socialistas, porque às vezes as pessoas misturam tudo, socialistas, comunistas e marxistas, então agora a gente está começando a ver que tem uma certa diferença entre eles, pra gente poder acompanhar a história.

**Francisco Seixas:** Exatamente!

**00:44:06 - Jorge Virgílio:**

Pois é, mas continuando aqui então, Francisco, o tal Liberdade do Povo havia preparado um extenso programa o qual tentavam difundir entre os demais grupos socialistas e nesse programa eles defendiam o seguinte:

- 1º) a dissolução do Império russo, em nome da autonomia das diversas nações e etnias que o compunha,
- 2º) a garantia de terra para a classe trabalhadora rural e
- 3º) a transferência de todas as funções sociais e políticas para as vilas comunais.

Nesse programa, eles alertavam aos simpatizantes que: [abre aspas] “nossas exigências só podem ser concretizadas por meios de uma revolução violenta.” [fecha aspas]. E como forma de atuação política aconselhavam o seguinte: [abre aspas] “agitação... Tanto pela palavra quanto pelas ações - visando organizar as forças revolucionárias e desenvolver os sentimentos revolucionários como veículo da desorganização do Estado rumo a vitória.” [fecha aspas]. Eram ideias pinçadas diretamente de um outro pensador russo, que era o Mikhail Bakunin, que é o pai do anarquismo coletivista. Tem muito pai de muita coisa na Rússia nesse período.

**Francisco Seixas:** É, todo mundo aí virou pai de alguma coisa.

**Jorge Virgílio:** Pois é, exato. Os profetas aí das anarquias.

Enquanto os marxista e os “socialista agrários” em geral preferiam uma abordagem mais voltada para a propaganda de ideias que tornasse a classe trabalhadora mais “consciente” de si mesma e de seus interesses e, portanto, fazendo da imprensa a sua principal arma revolucionária, esses radicais, como o Liberdade do Povo, esperavam resolver os problemas da exploração capitalista explodindo tudo. Literalmente.



Na visão deles a única forma de libertar o povo das instituições deficientes que os aprisionava era arrasá-las por completo. Graças a esses radicais russos, o mundo acabou conhecendo um fenômeno que tem se tornado cada vez mais frequente no séc. XXI: que é o terrorismo e os homens-bomba.

Em 1867, o engenheiro químico sueco Alfred Nobel, buscando criar uma ferramenta explosiva mais eficiente para projetos de construção civil, havia desenvolvido uma invenção bombástica: a dinamite. Barata e fácil de transportar, a dinamite logo se popularizou entre os grupos radicais que viram no explosivo um forte instrumento de intimidação política. Apesar das afirmações do próprio Nobel de que sua invenção ajudaria na manutenção da paz, pois o temor da destruição em massa tornaria a humanidade mais pacífica, isso acabou não se verificando, como a gente já sabe. A dinamite fez da segunda metade do século XIX um festival de atentados, principalmente na Europa.

Era a guerra ou a política por outros meios... Sem a necessidade de convencer multidões ou de criar um exército, bastava ali um pequeno grupo político-ideológico pra criar uma verdadeira convulsão social e impor à sociedade a sua própria concepção de mundo.

Pelo terror, eles poderiam manipular sociedades inteiras.

E a esquerda radical russa foi a primeira a perceber isso. Assim, a forma que eles encontraram para livrar a Rússia da “burguesia decrépita” e estabelecer sua própria visão de regime socialista foi: matar o czar. Na concepção desses grupos, assassinar o monarca mostraria ao povo a fragilidade da nobreza e de seus oficiais, mostraria que o czar não era nenhum ser divino, e isso bastaria para iniciar sublevação contra a tirania czarista. Uma vez que o povo tivesse se rebelado em massa, eles, os socialistas, tomariam a frente do processo e imporiam uma nova ordem socialista, tomando para si a “obrigação moral” de esclarecer o povo sobre sua verdadeira origem e destino.

O primeiro ataque do Liberdade do Povo ao czar foi contra um trem que o trazia de volta a capital do Império em novembro de 1879. Com dinamite contrabandeada da Suíça, o grupo se posicionou em três pontos diferentes onde poderiam explodir o trem: um grupo ficou em Moscou, um outro grupo ficou em Odessa e o outro em Alexandrovsk. O grupo de Odessa acabou preso antes do atentado e uma locomotiva quebrada acabou obrigando o czar a trocar de trem em Moscou. O resultado foi que o Liberdade do Povo acabou explodindo um trem carregado de frutas ao invés de explodir o trem do czar.

**Francisco Seixas:** Outra canelada.

**Jorge Virgílio:** Pois é, outra canelada. Já o segundo ataque realizado contra o czar foi mais elaborado. Dessa vez os revolucionários infiltraram um jovem carpinteiro no Palácio de Inverno em São Petersburgo, esse carpinteiro chamava Stepan Khalturin. E aí esse carpinteiro transportou secretamente para dentro do palácio cerca de 130 quilos de dinamite que recebeu do Liberdade do Povo. Sabendo que o czar jantaria com um parente vindo da Alemanha lá por volta das 6 da tarde do dia 17 de fevereiro de 1880, o carpinteiro configurou a bomba para explodir nesse horário, bem embaixo da sala de jantar. O plano teria dado certo se uma nevasca não tivesse atrasado o trem desse parente do czar, o que manteve Alexandre II e sua família longe da sala de jantar. Às 6 horas, a bomba explodiu, como programado e destruiu não só a sala de jantar mas igualmente a sala dos sentinelas da guarda. Cerca de 50 pessoas morreram ou ficaram feridas.

#### **00:49:00 – Francisco Seixas:**

Pois é! E um ano depois, em 13 de março de 1881, o Liberdade do Povo tentou novamente um outro ataque. O czar estava andando pela cidade em sua carruagem blindada, cercada por um grupo de Cossacos, quando um transeunte jogou uma bomba contra a carruagem. A carruagem foi atingida em cheio, mas como era blindada, o czar não se feriu. Um de seus guardas cossacos morreu na hora, assim como uma criança que brincava nas proximidades. Bom, haviam várias pessoas ficaram feridas. Só que ao invés do Alexander fugir, ele resolveu descer e socorrer os feridos. Ele não havia percebido mas havia três outros homens com bombas ao seu redor, ansiosos para morrer junto com o seu alvo. O jovem Ignati Grinevitsky de 25 anos esperou o czar se aproximar dele para perguntar se estava bem e atirou uma bomba a seus pés. O terrorista morreu imediatamente e o czar teve ambas as pernas esfaqueadas, o estômago aberto e a face mutilada. Ele morreu algumas horas depois, já na Palácio de Inverno, devido ao sangramento intenso. Ele tinha 62 anos e a sua nora, a princesa dinamarquesa e grã-duquesa da Rússia, Maria Feodorovna, descreveu em seu diário como o czar gravemente ferido foi levado até ao palácio: [abre aspas] “As pernas dele estavam destruídas e abertas até aos joelhos. Estava coberto de sangue, com meia bota pendurada no pé direito e apenas a sola restava no esquerdo.” [fecha aspas]

Finalmente, os revolucionários radicais haviam conseguido o seu intento de matar o czar. Segundo o Liberdade do Povo, a morte era a pena que Alexandre II merecia pelo que eles consideravam “crimes contra a nação.” Como resultado dessa ação, várias das reformas de Alexandre II que estavam em andamento - como a criação de uma comissão consultiva que limitasse os poderes do czar - acabaram não indo para frente com a ascensão de seu filho mais novo como Alexandre III da Rússia. Várias das liberdades civis recém-

adquiridas pelos russos foram retiradas pelo novo czar. A brutalidade da polícia nas comunidades carentes aumentou um monte. Outros grupos radicais, tanto anarquistas quanto conservadores, se sentiram motivados a praticar seus próprios atos violentos.

Também em maio daquele ano, várias leis antissemitas - conhecidas como Leis de Maio - foram aprovadas na Rússia em consequência do assassinato do imperador. Para os conservadores, os judeus eram partidários dos socialistas e portanto um dos principais responsáveis pelo ocorrido. A partir dessa data, os pogroms contra a população judia se tornaram ainda mais frequentes em toda a Rússia, e olha só, só pra dar uma explicação aqui, "pogrom" é uma palavra russa que significa "causar estragos, destruir violentamente", estes atos acabaram ficando muito associados a ataques antissemitas, pois a maioria dos pogroms era contra judeus. Se o objetivo do Liberdade do Povo era jogar todos contra todos e estabelecer o caos, eles haviam conseguido...

**00:52:06 - Jorge Virgílio:**

### **O segundo 1º de março**

Em 1881, durante a coroação, no Kremlin de Moscou, do príncipe Alexandre e da princesa Maria como imperador e imperatriz, ou czar e czarevna, de todas as Rússias, a Okhrana conseguiu desbaratar uma nova tentativa de atentado contra a família imperial. Se fosse bem sucedido, o ataque poderia ter matado cerca de 8000 pessoas.

Só a título de curiosidade, o "Kremlin" significa "fortaleza" em russo. Há vários Kremlins na Rússia, na verdade, sendo o mais conhecido é aquele lá de Moscou, onde hoje é a sede do governo russo. Toda a cidade antiga de Moscou ficava dentro do perímetro dos muros do Kremlin. Mesmo após a transferência da capital russa para São Petersburgo, só se podia receber o título de czar no Kremlin de Moscou. O mesmo aconteceria no Brasil, por exemplo, caso a gente voltasse a ser uma monarquia. Ainda que a capital continuasse a ser em Brasília como é atualmente, um membro da família real só poderia ser consagrado "Imperador do Brasil" na Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Antiga Sé, que fica aqui na cidade do Rio de Janeiro, ali no centro, perto da praça XV.

Bom, mas voltando para a Rússia... o Alexandre III, diferente de seus antepassados, era muito mais voltado para a religião católica ortodoxa. De fato, ele foi um dos poucos imperadores russos a não possuir amantes e mais de uma vez teve problemas pessoais com o pai falecido devido aos seus casos extraconjugais que ele tinha.

Como ele era austero e extremamente conservador, de toda forma ele acabou não sendo um imperador muito popular. Apesar disso, a sua falta de carisma foi compensada em grande parte pela popularidade da esposa, que era a bela Maria Feodorovna da Dinamarca, que foi uma espécie de “Lady Di” da Rússia, sempre envolvida com projetos de caridade e obras beneficentes. Aterrorizado pelo que havia ocorrido ao seu pai, Alexandre se mudou com a família imperial para o Palácio de Gatchina, construído por Catarina II, que ficava, mais ou menos a cerca de 50 quilômetros de São Petersburgo. Devido às medidas reacionárias de Alexandre III, esse Palácio de Gatchina acabou apelidado de “Cidadela da Autocracia”.

O príncipe Nicolau, que era o filho de Alexandre e Maria e que viria a ser o último imperador da Rússia, ele passou toda a infância nesse palácio, por exemplo. Dali, o novo czar também deflagrou uma guerra pessoal contra os revolucionários, perseguindo implacavelmente os opositores da monarquia, por todos os meios que dispunham. Retirou a autonomia política de assembleias e associações políticas tanto no campo quanto na cidade, e passou também a vigiá-las de perto. Sob a mão de ferro desse novo imperador, os revolucionários foram esmagados e desapareceram rapidamente. Todos os envolvidos no atentado contra o czar Alexandre II, por exemplo, foram presos e julgados por um comitê especial do Senado num período de apenas alguns dias, tendo sido sentenciados à morte por enforcamento.

Em 3 de abril de 1881, apenas um mês após a morte do antigo czar, todos os envolvidos no atentado haviam sido mortos, com exceção de uma jovem de nome Gelfman, que não foi morta porque ela estava grávida. E aí a Gelfman acabou esperando até ter o seu filho e depois ela teve a sua pena comutada e foi enviada para **kartoga**. Você sabe, Francisco, o que é a kartoga?

**00:55:13 – Francisco Seixas:**

A kartoga era um sistema prisional da Rússia Imperial onde os prisioneiros eram mandados as regiões desabitadas da Sibéria e eram forçados ao trabalho escravo.

**00:55:23 - Jorge Virgílio:**

Pois é, exatamente. E esse sistema, Francisco, mais tarde seria rebatizado pelos soviéticos para **gulag**.

**00:55:29 – Francisco Seixas:**

Sim, os famosos gulags da União Soviética.

Mas olha só, em 1887, em comemoração ao bem-sucedido atentado contra Alexandre II, um grupo de estudantes radicais ligados a Liberdade do Povo havia planejado assassinar Alexandre III. Esse grupo se autodenominava Pervomartovtsi, que significa “aqueles do 1º de março”. E aqui uma explicação: no nosso calendário, que é o gregoriano, o czar Alexandre II foi assassinado no dia 13 de março, mas no calendário juliano, que era o calendário utilizado na Rússia nessa época, o czar foi morto em 1º de março. E o grupo se chamava desse nome estranho aí, Pervomartovtsi pois pretendia fazer um segundo 1º de março em homenagem aos mártires do primeiro de março original.

Quando o czar se dirigia para a catedral de São Pedro e São Paulo, no Kremlin de São Petersburgo (que é o núcleo inicial de fundação da cidade, e é onde Alexandre II e vários outros czares foram enterrados), o grupo voltou a atirar dinamites contra a carruagem do czar. Dessa vez, no entanto, o ataque acabou fracassando e os terroristas foram presos. Cinco de seus líderes foram condenados à morte enquanto que os demais foram enviados para a tal da **kartoga**.

Entre os terroristas assassinados, encontrava-se Alexandre Ulyanov, o irmão mais velho de um personagem que será muito importante na segunda parte desse episódio. E claro, nós estamos falando de Vladimir Ulyanov, que passaria para a história como Lênin. A morte do irmão mais velho foi o estopim para início das atividades políticas do futuro grande idealizador da União Soviética, mas veremos isso no próximo episódio.

Em 29 de Dezembro de 1888, o trem imperial onde seguia Alexandre III com a sua família sofreu um acidente que fez com que o telhado do vagão, onde a família real se encontrava, ruísse. Alexandre III segurou os destroços com as próprias mãos dando tempo para que os filhos e a esposa escapassem do trem acidentado, e devido a este feito heroico, o czar desenvolveu uma grave doença nos rins.

Enfraquecido, Alexandre III não teve mais ânimo para combater os revolucionários. Além disso, no período de 1891 a 1892, o Império russo foi assolado por uma grave epidemia de cólera. A produtividade da agricultura caiu e a fome se instalou no país inteiro.

O governo russo, que havia sido altamente centralizado por Alexandre III, não conseguiu lidar com a crise e teve de dar carta branca aos zemstvos - que eram as assembleias camponesas - para que eles socorressem aos súditos como pudessem. Entre as personalidades da época que participaram desse esforço contra a fome e o cólera, encontra-se o grande escritor russo, Tolstói, que ajudou a organizar cantinas onde se distribuía sopa aos esfomeados, e o já citado médico e escritor, Anton Chekhov, que dirigiu programas de

prevenção do cólera em várias aldeias. Aproveitando-se dessa calamidade, os radicais voltaram a se fortalecer politicamente. Pouco tempo depois, em novembro de 1894, as complicações nos rins adquiridas pelo czar Alexandre III no acidente de trem acabaram por matá-lo.

**00:58:45 – Jorge Virgílio:**

Pois é, Francisco, e foi nesse cenário desolador que o último membro da família Romanov a assumir o trono, o czar Nicolau II da Rússia, chegou ao poder.

**00:58:53 – Francisco Seixas:**

Pois é, e nós chegamos ao fim desta primeira parte onde falamos sobre a origem dos socialistas russos. E agora vou convidar o meu amigo Jorge para fazer o seu jabá.